

## As relações de poder desenvolvidas no ser naturalista

Matheus Souza (UNEMAT)<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo pretende analisar a forma que o poder se desenvolve no ser naturalista, ao passo que associa a relação de dominância dos agentes literários. A obra *O cortiço* (1890), escrita por Aluísio Azevedo, nos mostra a vida de seres de baixa renda num cortiço, o qual é palco de vários acontecimentos e se desenvolve como personagem. Observamos características marcantes dos personagens que associamos com as teorias de Bakhtin (2006) e Foucault (1987), os quais nortearam a base teórica deste artigo. Analisar a obra é considerar o papel de vários elementos externos ao ser como forma de influência e molde.

**Palavras chave:** Poder; influência; naturalista; influência; ideologia

**Abstract:** This article intends to analyze the way that power develops in the naturalist being, while associating the dominance relationship of literary agents. The work *O cortiço* (1890), written by Aluísio Azevedo, shows us the life of low-income people in a tenement, which is the scene of several events and develops as a character. We are presented with striking characteristics of the characters that are associated with the theories of Bakhtin (2006) and Foucault (1987), which guided the theoretical basis of this article. Analyzing the tenement is to consider the role of various external elements as a form of influence and mold.

**Keywords:** Power; influence; naturalist; influence; ideology

### 1 O ser através de sua faceta animal

O livro *O cortiço* (1890), escrito por Aluísio Azevedo, nos mostra a vida cotidiana de seres de baixo poder aquisitivo, os quais se relacionam num cortiço regido por João Romão, que, junto com Bertoleza, construíram tal estalagem. No início nos é apresentado uma atmosfera social restrita a um espaço pequeno, que torna a narrativa ampla.

É criada pelo autor como explícito por Alfredo Bosi na obra *História concisa da literatura brasileira* [1970] (2015), uma mediocridade na rotina que caracteriza o naturalismo fundado por Azevedo. Esta norteia não só o enredo do livro, mas também os personagens, que são reduzidos a selvagens, como defendido pelo crítico literário,

A redução das criaturas ao nível animal cai dentro dos códigos antirromânticos de despersonalização... Como dá caráter absoluto ao que é efeito social o naturalista acaba fatalmente estendendo a amargura da sua reflexão própria fonte de todas as suas leis: a natureza

---

<sup>1</sup> Graduando do curso de Licenciatura em Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) campus de Pontes e Lacerda – MT. Artigo elaborado para disciplina de Literatura Brasileira II sob orientação da Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Madalena Machado. E-mail: matheus.souza2@unemat.br

## As relações de poder desenvolvidas no ser naturalista

humana afigura-se-lhe uma selva *selvaggia* onde os fortes comem os fracos. (Bosi, 1970, p. 193)

Este trecho enfatiza a despersonalização do homem na obra de Azevedo em estudo, a qual nos auxilia a entender a face animalesca deste ser que age por instinto. Configurá-lo como animal se refere à impulsividade, à ânsia de satisfação das necessidades naturais, e isto se difere do ser pensante e mediador, estabelecendo uma diferença grande entre o culto e o selvagem, em que o primeiro é superior ao segundo. Através disso podemos perceber a forma que a estética do autor contribui para o aspecto antirromântico colocado por Bosi.

Azevedo configura a face parasita do ser humano, a qual é reforçada pela ambição sobre qualquer coisa, o que caracteriza uma vertente nas relações dos personagens, o interesse. Isto pode nos fazer pensar na forma que os agentes literários sempre desejam algo em troca do outro, ora sentimental, ora monetário. Tal desejo é exemplificado com a figura de João Romão, que através da relação com Bertoleza, se satisfaz de maneira carnal e financeiramente, ao passo que planeja entregá-la de volta para a vida de escrava.

A união do antirromântico e o parasitismo não afeta apenas os personagens em posição de liderança, mas também os menos favorecidos, como no caso de Pombinha, que troca favores sexuais por dinheiro. Existem também aqueles agentes ficcionais que norteiam suas relações através de sentimentos, mas isso não se torna um conto de fadas na obra, como o exemplo de Jerônimo e Rita baiana. O autor não foca na satisfação deles, mas sim no sofrimento da antiga esposa, na fragmentação psicológica do marido e na luxúria da mulher.

Tal aspecto ressalta uma possível observação que liga a estética naturalista com a moderna, a de nos fazer ver beleza na obscuridade do ser. Isto pode justificar a forma em que o autor apresenta a mediocridade na rotina, a qual é impulsionada pela maneira de condução da obra, que unida à atmosfera da obra, é cheia de descrições e com poucas pausas.

### **2 O poder atuando n' *O cortiço***

A obra de Azevedo fornece uma ótima ligação com o poder, pois este norteia a conexão entre os personagens, os quais são influenciados por determinadas instituições.

Neste estudo entendemos o poder como a forma de exercer dominância sobre o outro, não se restringindo apenas aos personagens, mas também à família e ao trabalho. É presente na narrativa o conceito de disciplina, caracterizado pela forma que domina as pessoas se tornando presente no romance na personificação do trabalhador, o qual é dominado pela rotina. Este é explicado por Michel Foucault na obra *Vigiar e punir* (1975) como,

A disciplina “fabrica” indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício. Não é um poder triunfante que, a partir de seu próprio excesso, pode-se fiar em seu superpoderio; é um poder modesto, desconfiado, que funciona a modo de uma economia calculada, mas permanente. (Foucault, 1987, p.195)

Percebemos que o filósofo utiliza o verbo fabricar ao relacioná-lo com o conceito de disciplina. Isto é utilizado com o intuito de reforçar a perda de individualidade, pois coloca todos numa coletividade alienada, e este método de dominância é introduzido na vida destes agentes literários de uma forma silenciosa, através da rotina, conforme a criação literária de Aluísio Azevedo.

Estipular um período para trabalhar e descansar é um método de exercer poder pois, como colocado por Foucault ao conceituar a ideia de horário, estabelece censuras, obriga ocupações e regulamenta ciclos de repetições (Foucault, 1997, p.175). Esta falta de individualidade também é percebida na obra de Azevedo, com a figura das lavadeiras e dos funcionários da pedreira. Estes são verdadeiros instrumentos de sua função, podendo perder sua personificação, a qual é refletida pela estética do autor ao retratá-los no coletivo, pois não são reconhecidos por ser, mas sim por fazer, tanto é que são reconhecidos não por seus nomes mas pelas funções que exercem.

Entendemos na obra *O cortiço* que a instituição familiar se faz presente, mesmo sendo fragmentada. Isto ocorre pela desconstrução do núcleo familiar, o qual pode ser exemplificado pela separação de Jerônimo e Piedade de Jesus. Nestes personagens percebemos, antes do ocorrido, a felicidade, estampada também pela satisfação da mãe em ter a filha estudando e ter um provedor, o marido. Neste caso, o domínio ocorre no sentido da união, discutido por Foucault na obra *História da sexualidade I a vontade de saber* (1988), em que tal termo se refere a junção de um casal regida por lei.

Posteriormente acompanhamos a fragmentação desse núcleo, trazendo a ideia de tristeza e melancolia. Com a quebra de tal instituição sobre Jerônimo e Piedade a vida

## As relações de poder desenvolvidas no ser naturalista

deles desanda; Piedade se entrega às bebidas, vivendo amargurada e sua filha não consegue estudar pois não tem condições monetárias. Isto exemplifica a dominância desta aliança, pois, para garantir estabilidade financeira e psicológica, pode forçar algo que inicialmente deveria surgir pelo amor, o matrimônio.

Em outra ocasião da narrativa em foco podemos analisar a tentativa de imposição desta instituição familiar, que se inicia no trecho a seguir:

Chamavam-lhe Pombinha. Bonita, posto que enfermiça e nervosa ao último ponto; loura, muito pálida, com uns modos de menina de boa família. A mãe não lhe permitia lavar, nem engomar, mesmo porque o médico a proibira expressamente. Tinha o seu noivo, o João da Costa, moço do comércio, estimado do patrão e dos colegas, com muito futuro, e que a adorava e conhecia desde pequenita; mas Dona Isabel não queria que o casamento se fizesse já. É que Pombinha, forçando aliás pelos dezoito anos, não tinha ainda pago à natureza o cruento tributo da puberdade... (Azevedo, 1890, p.17)

Este recorte retrata a introdução da personagem Pombinha na obra, a qual é cuidada pela mãe, Isabel. O autor mostra essa figura materna como uma mãe solteira, desprovida de beleza e que deposita todas as expectativas na filha, ao passo que a cria sob valores sociais, como não firmar tal aliança sem ter atingido a puberdade. Percebemos que a valorização do casamento parte dessas figuras femininas, pois trata-se de um benefício social, um *status* que valoriza a mulher, gerando uma certa ânsia por parte delas para firmar tal união. Neste caso, o primeiro indício de dominância da instituição familiar ocorre desta expectativa.

Outro aspecto se refere em como a figura feminina se molda conforme a necessidade social, quando a mãe, por não ser bonita, pode não conseguir se casar, impondo à filha, além do matrimônio, a manutenção estética e a castidade. Assim, se faz presente a forma indireta de poder desta instituição, por criar uma rede de fatores de poder que a tem como centro.

### **3 O papel do espaço no fortalecimento das relações na criação de um pensar homogêneo**

A obra *O cortiço* constrói um espaço importante para o desenvolvimento dos personagens, de modo que estes sejam instigados a um padrão de ser por conta da localização. O cortiço ao passo que restringe, também desenvolve uma

microsociedade, a qual se constitui eticamente fora da influência exterior. Ao analisar a influência deste cenário, entendemos a relação que este desempenha na construção do poder, a qual é complementada através da interação do ser naturalista, presente na atmosfera social, com o exterior, exposto pelo autor em momentos pontuais do enredo.

Fez-se logo medonha confusão. Cada qual pensou em salvar o que era seu. E os policiais, aproveitando o terror dos adversários, avançaram com ímpeto, levando na frente o que encontravam e penetrando enfim no infernal reduto, a dar espadeiradas para a direita e para a esquerda, como quem destroça uma boiada. A multidão atropelava-se, desembestando num alarido. Uns fugiam à prisão; outros cuidavam em defender a casa. Mas as praças, loucas de cólera, metiam dentro as portas e iam invadindo e quebrando tudo, sequiosas de vingança. (Azevedo, 1890, p.68)

Esse trecho mostra a brutalidade dos policiais ao adentrarem no cortiço, o que denota a visão negativa do exterior. Esse contato quebra a homogeneidade do ambiente, fazendo com que essa falta de ideologias conexas se materialize em forma de ódio por parte do detentor de poder, os policiais. O cenário exerce o papel de caracterizar o próprio dominador, o João Romão, que desenvolve relações, diferente dos outros que, cegos de raiva e intolerância, constroem sua própria barreira social.

As instituições que exercem poder sobre as pessoas são distorcidas se comparadas com os personagens construídos por Azevedo, pois tal criação individualiza o ser, de modo que este, sempre voltado às suas necessidades, não se envolve com formas específicas de influência. A este respeito Michel Foucault explica, através da noção de disciplina, a forma que a posição do homem se articula para o entendimento das relações de poder,

A unidade não é portanto nem o território (unidade de dominação), nem o local (unidade de residência), mas a posição na fila: o lugar que alguém ocupa numa classificação, o ponto em que se cruzam uma linha e uma coluna, o intervalo numa série de intervalos que se pode percorrer sucessivamente. A disciplina, arte de dispor em fila, e da técnica para a transformação dos arranjos. Ela individualiza os corpos por uma localização que não os implanta, mas os distribui e os faz circular numa rede de relações. (Foucault, 1978, p. 172)

Este trecho nos auxilia a entender o papel da espacialização no desenvolvimento das relações e a distorção do domínio exercido pelo pensar central da sociedade na obra literária *O cortiço*. Isso é legitimado com o exemplo da Rita baiana, a qual é amada por suas características negróides, coisa que, naquela época, era repudiada pela sociedade externa ao ambiente do cortiço, que a marginaliza por tais aspectos físicos. Isto só pode

## As relações de poder desenvolvidas no ser naturalista

ser concebido com a restrição espacial desses seres de papel, permitindo o desenvolvimento homogêneo de novas construções do pensar, que foram criadas na literatura de Aluísio Azevedo, em estudo.

Tal barreira criada com o exterior permite ao autor caracterizar o próprio conceito de beleza através da personagem Rita baiana, a qual se desenvolve conforme as relações naquele micro espaço. O contexto que a cerca é baseado em um triângulo amoroso, entre ela, Jerônimo e sua esposa, em que o marido português, ao se deparar com Rita, renega sua mulher e vai morar com a brasileira. Neste caso, o espaço micro não só intensifica a relação dos dois, mas também contribui para a dramatização da obra. Isto é justificado pela rede de relações impulsionadas pelo micro espaço, gerando impacto maior nos outros em decorrência das atitudes tomadas pelos personagens enfocados.

Através das características do ser naturalista, criadas na narrativa de Azevedo, podemos entender a influência que baiana exerce sobre essa figura masculina, a qual é sempre voltado às necessidades carnis, o homem muda de vida. Isso ocorre com uma intensidade muito forte, de modo que ele ignora a situação financeira deplorável que se encontra após se unir com a nova mulher, renegando também, por consequência da dominância infligida sobre si, o imaginário atraente da figura feminina que tinha, pois não sente atração pela antiga esposa portuguesa, porque ela não tem as mesmas características de Rita. Nesta configuração social o espaço nos permite caracterizar também como o autor configura o masculino e o feminino, os quais, mesmo envoltos por sexualidade, se diferem um do outro neste aspecto.

### **4 O sexo como forma de poder**

No livro de Azevedo a sexualidade é muito vigorosa, sua estética nos permite entender a influência desse tema na narrativa, porque ele a torna muito bem desenvolvida através de descrições, como no trecho a seguir:

Uma bela noite, porém, o Miranda, que era homem de sangue esperto e forçava então pelos seus trinta e cinco anos, sentiu-se em insuportável estado de lubricidade. Era tarde já e não havia em casa alguma criada que lhe pudesse valer. Lembrou-se da mulher, mas repeliu logo esta idéia com escrupulosa repugnância. Continuava a odiá-la. Entretanto, este mesmo fato de obrigação em que ele se

colocou de não servir-se dela, a responsabilidade de desprezá-la, como que ainda mais lhe assanhava o desejo da carne, fazendo da esposa infiel um fruto proibido. (Azevedo, 1890, p.4)

Neste excerto podemos observar a forma como o prazer inibe o ódio, quando Miranda para se satisfazer, ignora o desprezo pela esposa infiel. Isso é um exemplo claro da maneira que o sexo exerce poder sobre alguém dentro da narrativa de Aluísio Azevedo. Tal afirmação vai ao encontro do livro de Foucault, *A história da sexualidade* 1988, o qual trata esse tema considerando a aliança e a sexualidade. A primeira propõe relações de matrimônio, fixação e parentescos regidas por lei, a qual exerce poder de alguma forma. A segunda se refere a sensações do corpo, tendo como objetivo básico, além da satisfação, o controle da população geral (Foucault, 1977, p.102). Conforme entendemos esse argumento, se torna clara a capacidade de dominância de ambos os dispositivos, os quais são restritos. A falta de controle permeia muitas relações no cortiço e é ligada ao ser animalesco, que age por instinto, como Miranda. É evidente que sua face pensante, neste caso de extrema necessidade, é esquecida, dando lugar à impulsividade, característica dos homens retratados na obra. Já as mulheres podem utilizar tal método para favorecê-las, como no caso da personagem Pombinha, a prostituta.

Percebemos, com o exemplo da personagem, que os atos carnis funcionam também como moeda de troca, em que um lado detém controle sobre o outro. É importante considerar que o sexo também domina indiretamente, como no exemplo,

A pobre mãe chorou a filha como morta, mas, visto que os desgostos não lhe tiraram a vida por uma vez e, como a desgraçada não tinha com que matar a fome, nem forças para trabalhar, aceitou de cabeça baixa o primeiro dinheiro que Pombinha lhe mandou. E, desde então, aceitou sempre, constituindo-se a rapariga no seu único amparo da velhice e sustentando-a com os ganhos da prostituição. Depois, como neste mundo uma criatura a tudo se acostuma, Dona Isabel mudou-se para a casa da filha. (Azevedo, 1890, p.126)

Neste recorte entendemos que a profissão da filha é de extremo desgosto para a mãe, que a criou rigorosamente em princípios conservadores, mas o ato carnal criou uma rede de dependências, como a do dinheiro, fazendo com que a mulher, agindo pela necessidade, ignore seus princípios. Esse é outro exemplo claro de personagens desenvolvidos com o intuito de se satisfazerem. Tal vínculo de mãe e filha pode servir para entendermos o modo que as relações são norteadas por interesses, e isso não se

## As relações de poder desenvolvidas no ser naturalista

restringe apenas ao núcleo familiar. No cortiço a ligação de trabalhador e empregado é determinante para configurarmos a maneira em que ocorre a dependência entre ambas as partes. Azevedo as constrói sem nenhum sentimento de gratidão. Mas se um ajuda o outro, por que acontece uma dominância do patrão em relação aos empregados? É o que discutiremos no tópico seguinte.

### **5 O poder desenvolvido nas relações de trabalho**

Percebemos no cortiço a presença de duas visões sobre a necessidade do trabalho: aquele como necessidade e penitência, no caso de Bertoleza, e o outro não só como sobrevivência, mas também como *status* social, figurado no personagem João Romão. No primeiro exemplo podemos entender que o ser, para satisfazer suas necessidades biológicas desempenha uma função. Este agente ficcional envolto por tal característica executa este ato sem querer luxúrias da vida, estando propenso à dominância por estagnar e se satisfazer com o pouco adquirido. Isto ocorre pela visão negativa sobre o trabalho. O exemplo de tal afirmação é exposto quando analisamos os funcionários da pedreira de João Romão, os quais são preguiçosos e não procuram se desenvolver no emprego, obrigando o patrão contratar mais pessoas. Essa visão sobre o trabalho parte da ideia, defendida por Bosi (1970, p.193), de que naquele contexto os seres são cobras que comem ou são comidas, ou seja, faz-se por si às custas de algo ou alguém, ou será pisado pelo outro.

No segundo exemplo temos a figura do patrão, que desempenha a função de liderar os trabalhadores. Esta posição cria no indivíduo uma autoimagem muito envaidecida, fazendo com que este se identifique na posição que está e se corrompa para permanecer. O que confirma essa tese é o fato do proprietário do cortiço não ter nenhuma consideração pelos moradores, pois ao passo que a estalagem é valorizada, as pessoas não podem permanecer na moradia por serem de classe baixa, isso mancharia a imagem do dono, bem como da propriedade.

Neste caso o ser ficcional almeja não só a satisfação das necessidades naturais, mas também o crescimento financeiro e social, e um dos meios que encontra para isso é através do casamento. Isto só pode ser alcançado com a entrega da escrava para os senhores, pois ela mancha a imagem do homem. Isto mostra que Bertoleza, na

perspectiva de João Romão, se tornou objeto e instrumento descartável. Tal perspectiva reforça a ideia de que o crescimento pode partir do sofrimento do outro. Essa afirmação é legitimada através do recorte,

Pior! Assim não arranjamos nada! Qualquer dúvida pode entornar o caldo! É melhor fazer as coisas bem feitas. Que diabo lhe custa isto?... Os homenzinhos chegam, reclamam a escrava em nome da lei, e você a entrega - pronto! Fica livre dela para sempre, e daqui a dias estoura o champanha do casório! Hein, não lhe parece? (Azevedo, 1890, p.129)

Esta passagem do romance trata da proposta de Botelho para João Romão acabar com a trama para seu sucesso. Percebemos na obra que durante um tempo Bertoleza foi útil por ser uma mão de obra barata e por ceder suas economias para a criação do cortiço, mesmo sem saber. Neste caso, a mulher se estagnou por querer somente o sossego, já o dono da estalagem não, e como ela não era mais útil foi descartada.

Bosi considera que esta relação de trabalho para um lado é uma pena sem remissão pois aquele que exerce poder possui uma fome de ganho e de luxúria, executando privações e contribuindo para a falta de paz (Bosi, 1970, p.192). Isto ilustra a ligação entre aqueles seres ficcionais, pois a figura masculina utilizou a mulher, prometendo uma falsa liberdade e a privou quando pôde. O crítico literário enfatiza que a ideia de trabalho desses seres narrativos, instintivos e de baixo poder aquisitivo é como vermes, ou insetos, o que reforça a ideia de pessoas fabricadas para desempenhar algo. Isto é imposto naturalmente, e estas pessoas, ofuscadas pela ânsia do bem-estar e a função exercida com desgosto, contribuem para o crescimento daquele que só fortalece o sistema.

A quitandeira se martirizava por conta do trabalho e, mesmo percebendo que o homem não tinha nenhum sentimento por ela, permaneceu nessa situação para pegar a recompensa por tanto esforço, descanso e liberdade. Através dela percebemos como o ser, criado por Azevedo, está disposto a se depreciar para satisfazer suas necessidades. Isto é ressaltado no exemplo,

Não! Com quitanda principiei; não hei de ser quitandeira até morrer! Preciso de um descanso! Para isso mourejei junto de você enquanto Deus Nosso Senhor me deu força e saúde! - Mas afinal que diabo queres tu?! - Ora essa! Quero ficar a seu lado! Quero desfrutar o que nós dois ganhamos juntos! quero a minha parte no que fizemos com o nosso trabalho! quero o meu regalo, como você quer o seu! (Azevedo, 1890, p.123)

## As relações de poder desenvolvidas no ser naturalista

Este trecho é uma conversa de Bertoleza com João Romão, quando está, percebendo que o homem planejava se livrar dela, deixa claro suas intenções. Nesta parte da narrativa podemos perceber como a posição social muda a perspectiva de trabalho, pois Bertoleza queria desfrutar do que trabalhou junto do homem, diferente dele querendo tudo para si. É importante considerar que este exemplo pode se diferenciar das lavadeiras, visto que não tem uma figura de autoridade que comanda aquele trabalho. A autonomia delas quando exercem sua função a torna funcional, o que caracterizamos como a ideia de trabalho no ser naturalista.

### **6 O papel da ideologia na construção da homogeneidade microssocial dentro do cortiço**

Para entender a base do poder abordado na obra *O cortiço* devemos analisar a forma como o que nos rodeia pode gerar ideologias. Nesse caso faz-se necessário entendê-las como capazes de nos moldar. Mikhail Bakhtin explica na sua obra, *Marxismo e filosofia da linguagem* (1929) [2006], que,

Um produto ideológico faz parte de uma realidade (natural ou social) como todo corpo físico, instrumento de produção ou produto de consumo; mas, ao contrário destes, ele também reflete e refrata uma outra realidade, que lhe é exterior. Tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia. Um corpo físico vale por si próprio: não significa nada e coincide inteiramente com sua própria natureza. Neste caso, não se trata de ideologia. (Bakhtin, 2006, p. 21)

Esta citação explica a respeito da proximidade que temos sobre produtos ideológicos, isso é importante pois o cortiço, por sua espacialidade, desenvolve uma barreira que mantém e determina a carga ideológica naquele local. Diante disto podemos proclamar várias formas ideológicas norteadoras da narrativa e que consequentemente contribuíram ou geraram influência e dominância sobre os personagens do cortiço e entre elas temos o samba. Historicamente entendemos que tal dança era malvista, mas no cortiço isso não ocorre. Jerônimo empolga-se com tal atividade por nutrir um interesse por Rita Baiana, desenvolvendo certo contato com a mesma através desse ato. Neste caso, o samba além de trazer a ideia comum, do ritmo musical e dos passos

sincronizados, também pode ser entendido, ideologicamente, como impulsionador de uma paquera. Isto é legitimado quando o português se interessa e interage com esta atividade por conta da mulher almejada e não naturalmente.

A ideologia baseia-se na microssociedade homogênea construída no cortiço, pois as *personas* narrativas, por serem restritas a um local, estão sujeitas a estímulos que são fortemente construídos pela falta de disseminação, o que seria diferente em uma sociedade ampla. Com base nisto e apoiados no conceito disseminado por Bakhtin, podemos considerar que o corpo físico se refere ao ser animal e se torna única na obra a forma como este agente de papel interage com o exterior, onde percebemos uma casca instintiva que se preenche com a carga ideológica do que lhe é apresentado.

O conceito abordado nos ajuda compreender também a forma como os seres podem se tornar instrumentos do próprio trabalho, porque ocorre uma imersão daquele, antes vazio, preenchido pela função. Isto pode nos fazer refletir na forma ideológica presente no trabalho e o autor, através de suas descrições, contribui para o leitor entender isso.

Outro exemplo claro da forma que a ideologia gera influência é a sexualidade, a qual se diverge entre emprego, prazer, satisfação, investimento e também dinheiro. Tal afirmação é ilustrada com a personagem Pombinha, que utiliza do ato para se satisfazer, obtendo prazer, investir no futuro, se tornando prostituta e construindo uma gama de clientes fixos e a consequência disso tudo, o dinheiro.

### **Considerações finais**

Buscamos neste artigo entender como ocorre o desenvolvimento de poder na obra *O cortiço*, bem como sua relação com o espaço, o trabalho, a sexualidade e principalmente com o ser naturalista. Através disso, refletimos sobre a forma que a ideologia estrutura as relações de dominância e como ela preenche o agente literário animalesco.

Ao considerar a narrativa de Rita baiana, Pombinha, Jerônimo, Bertoleza, João Romão, Isabel e muitos outros personagens, percebemos a forma como a cotidianidade do cortiço não se resume em repetições, tornando mais que necessário refletir sobre os

## As relações de poder desenvolvidas no ser naturalista

aspectos abordados das relações destas criaturas ficcionais. Com isso podemos considerar que um dos pontos inovadores da obra de Aluísio Azevedo é impulsionado pelos temas abordados.

Quando analisamos a obra desse autor logo nos é mostrado a estalagem, que norteia a narrativa. É interessante e motivou a pesquisa a forma que ele pôde criar uma sociedade ali dentro, e o narrador contribui para isso, nos fazendo desenvolver um grau de atração por esses seres. Estudar sobre isso nos motiva a entender também como nossas relações podem ser regidas por dominância, tornando mais que necessário fazer essa reflexão por meio da leitura crítica da obra de Azevedo.

### Referências

AZEVEDO, A. **O cortiço**. 30. ed. São Paulo: Ática, 1997.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. Ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BOSI, A. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1970.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade**. In: A Vontade de Saber. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1977.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. 24. Ed. São Paulo: Edições Graal, 2007.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: Nascimento da Prisão**. 20. Ed. Petrópolis: Vozes, 1987.